

Qual o lugar da educação libertadora no ensino de história? A presença do pensamento de Paulo Freire na revista *História & Ensino* (1995-2020)

What is the Place of Liberating Education in History Teaching? The Presence Of Paulo Freire's Thought in História & Ensino Magazine (1995-2020)

Thiago Granja Belieiro*

RESUMO

O artigo coloca o campo de conhecimento sobre ensino de história como objeto de pesquisa da História da Historiografia, inserindo a produção sobre esse ensino como parte integrante da Historiografia Brasileira, investigando esse campo dentro da analítica da historicidade. Para isso, elege como fonte de pesquisa os artigos publicados na revista *História & Ensino*, importante periódico do campo, que, desde 1995, publica artigos quase exclusivamente voltados a essa temática. Este artigo investiga, especificamente, os usos da produção teórica do educador Paulo Freire na revista, no período compreendido entre 1995 a 2020, com análises quantitativa e qualitativa da presença de Paulo Freire na publicação e, conseqüentemente, no campo de produção de conhecimento em ensino de história. Os resultados encontrados demonstram que, apesar de

ABSTRACT

The article places the field of knowledge on the teaching of History as an object of research in the History of Historiography, inserting the production on the teaching of History as an integral part of Brazilian Historiography, investigating this field within the analysis of historicity. For this, it chooses as a source of research the articles published in the magazine *História & Ensino*, an important periodical in the field, which since 1995 has published articles almost exclusively focused on this theme. It specifically investigates the uses of educator Paulo Freire's theoretical production in the magazine, in the period from 1995 to 2020, with quantitative and qualitative analysis of Paulo Freire's presence in the publication and consequently in the field of knowledge production in History teaching. The results found show that despite the quantitatively shy presence

* Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, PR, Brasil. thiagobeli@hotmail.com <<https://orcid.org/0000-0001-6236-1352>>

quantitativamente ser tímida a presença de Paulo Freire na H&E, as ideias dele fomentaram discussões teóricas relevantes para o ensino de história. Palavras-chave: Ensino; Historiografia; Paulo Freire.

of Paulo Freire at H&E, his ideas fostered relevant theoretical discussions for the teaching of History.

Keywords: Teaching; Historiography; Paulo Freire.

A relação do ensino de história com o pensamento de Paulo Freire é o tema central deste texto. À primeira vista, pode parecer óbvio que as obras do autor sejam uma referência marcante para a produção desse campo de conhecimento, haja vista que, desde os anos 1960, o autor é referência para se pensar o ensino de história em perspectivas crítica e política (AZEVEDO; STAMATTO, 2010, p. 708).

Na realidade, a presença de Paulo Freire como referência teórica para o ensino de história é bastante tímida. Mesmo sendo constantemente citado, as ideias do autor não ocupam posição privilegiada como referência teórica no campo. A importância do autor para a educação brasileira, em especial, para a educação popular, crítica, transformadora e libertadora, é ainda maior quando se reflete sobre o ensino de história. No mundo contemporâneo, o ensino dessa disciplina não só demanda maior posicionamento crítico de professores e estudantes, como também urgente reflexão sobre suas práticas pedagógicas em sala de aula.

Nesse sentido, para Paulo Freire, a educação libertadora é aquela que se contrapõe à educação bancária, de simples transmissão de conteúdos, com estudantes como agentes passivos do conhecimento. Contrariamente, a educação libertadora visa à construção crítica do conhecimento por educandos e educadores, em uma relação humana, partindo dos saberes prévios dos estudantes, que se assente nas autonomias intelectual, crítica e reflexiva destes. Essa forma de educação permite a emancipação intelectual, por meio da reflexão crítica acerca dos problemas históricos e sociais, servindo de alicerce do pensar certo e da superação dessas condições históricas. A pertinência dessas reflexões para o ensino de história é que enseja a presente investigação (FREIRE, 1987; 2005).

Por tais razões, o questionamento que nomeia este artigo é o mesmo que guiou a pesquisa realizada para se tentar uma resposta a essa problemática: Qual o lugar da educação libertadora no ensino de história? A esse questiona-

mento, podem-se acrescentar outros: Qual é efetivamente o papel das ideias de Paulo Freire no ensino de história? Como o pensamento freiriano pôde embasar discussões teóricas dentro desse campo de conhecimento?

Responder a essas indagações implica esmiuçar o campo de conhecimento do ensino de história e tratá-lo como um objeto de conhecimento historiográfico, ou seja, tratar o campo dentro da sua historicidade e como objeto da História da Historiografia. Essa postura requer uma análise crítica dessa produção, contribuindo “para uma destruição, em sentido positivo, do discurso e dos objetos historiográficos com o propósito de nos mantermos abertos para a experiência e o pensar da história” (ARAUJO, 2013, p. 41).

Sendo assim, é necessário que a produção acadêmica em ensino de história seja encarada como parte integrante da produção historiográfica brasileira; isso se justifica uma vez que essa produção apresenta uma historicidade, isto é, insere-se no tempo, tem uma história enquanto campo de conhecimento, denota a diferença histórica e historiográfica que se manifesta no tempo histórico, constituindo-se em objeto historiográfico.

E mais, uma vez que esse campo de conhecimento e objeto historiográfico apresentam como preocupação fundamental a relação dos estudantes da educação básica e da sociedade em geral com a cultura histórica (SCHMIDT, 2019), esse fato mais uma vez justifica torná-lo objeto historiográfico da História da Historiografia, pois, nas palavras de Araujo, a “analítica da historiografia teria como objeto próprio pensar as diferentes formas de acesso ao passado” (ARAUJO, 2013, p. 41), o que, naturalmente, inclui o ensino de história e sua produção acadêmica.

Encarar a produção de conhecimento em ensino de história como objeto historiográfico, buscando, em específico, a revelação e análise crítica das teorias em circulação no campo, contribui, duplamente, com a história da historiografia: por um lado, na sua dimensão teoricamente orientada, ou metateórica, na acepção de Blanke (2006, p. 32), e, por outro lado, com o próprio ensino de história, como uma forma de superar visões comuns entre a comunidade de historiadores, que tratam o campo como um “lugar da prática”, como um “vazio de saberes” e de “teoria” (MONTEIRO; RALEJO, 2019, p. 7).

Além disso, embora reconhecidamente o campo esteja dividido entre a educação e a história (MONTEIRO; PENNA, 2011), tomar esta produção como objeto da história da historiografia é também uma maneira de se superar

essa clivagem, uma vez que a produção, seja ela realizada por historiadores ou educadores, tem em comum o mesmo objeto, a História e seu ensino.

Retomar a reflexão de Araujo, na perspectiva de que é necessário “nos mantermos abertos para a experiência e o pensar da história” (ARAUJO, 2013, p. 41) implica em uma análise crítica da produção sobre o ensino desta, isto é, lançará um olhar para o campo de experiências do ensino de história, por um lado, e, por outro, a um horizonte de expectativas (KOSELLECK, 2011) para o ensino de história mais conectado às demandas por um ensino dessa disciplina mais libertador, mais crítico e fomentador do “pensar certo”. Esse movimento pode possibilitar maior autonomia intelectual aos estudantes e maior criticidade para a superação não só das desigualdades e dos problemas sociais que os assolam, mas também pode contribuir para o fortalecimento de suas reflexões e práticas.

Especialmente agora, em que o ensino de história atravessa um dos momentos mais críticos, na medida em que é questionado pelos revisionismos históricos, pela Pós-Verdade que questiona suas bases de cientificidade (MORENO, 2018), pela não obrigatoriedade da disciplina na reforma do ensino médio, que tornou a história disciplina eletiva, pelo movimento “Escola sem Partido”, pela crise em torno da BNCC, (MIRANDA, 2019), pelo aparente predomínio do modelo neoliberal, pelo recrudescimento da crise econômica, do desemprego, do desalento e da desesperança.

É por essas razões que refletir sobre as relações do pensamento de Paulo Freire com o ensino de história é reviver e retomar utopias que estiveram presentes nas discussões do campo, notadamente quando se considera o caráter popular, libertador e transformador das ideias educacionais de Paulo Freire.

O artigo se divide em 6 seções, juntamente com esta introdução e as considerações finais. Na primeira, é apresentado o objeto de pesquisa, a saber, a revista *História & Ensino* (doravante abreviada H&E), publicação da Universidade Estadual de Londrina, relacionando a criação e a edição da revista com o crescimento e a consolidação do campo de conhecimento em ensino de história. A seguir, as demais seções apresentam a pesquisa realizada acerca da presença da obra de Paulo Freire na revista H&E, com análises quantitativa, desenvolvida na seção II, e qualitativa, realizada nas seções III a VI.

I.

O ensino de história no Brasil acompanha, de certa forma, a própria história do país. Os momentos de *construção* (1838-1931), *consolidação* (1931-1971), *crise* (1971-1984) e *reconstrução* (1984?) do código disciplinar da história, na periodização proposta por Maria Auxiliadora Schmidt (SCHMIDT, 2012), faz com que o ensino dessa disciplina esteja intimamente atrelado aos diferentes contextos políticos, econômicos e sociais pelos quais o Brasil passou. Com efeito, a crise do código disciplinar da história e do seu ensino, durante a ditadura militar, algo evidente, corrobora a percepção de que o período seguinte, o da redemocratização, pode ser caracterizado como uma inflexão em torno do ensino de história, sobretudo da reflexão e da produção de conhecimento em torno deste.

O fim da ditadura militar e o movimento democrático que o sucedeu criaram condições para que o ensino de história passasse a ser tema de reflexões, debates e políticas públicas que elencaram questões tais como aquelas referentes à renovação de conteúdos, de formas de organização curricular, de metodologias de ensino, de problematizações em torno do uso de fontes, à inclusão de minorias, à escrita de livros didáticos, entre outras (MONTEIRO; RALEJO, 2019, p. 9).

Ao mesmo tempo, os anos da redemocratização foram fundamentais para o crescimento e a consolidação da pós-graduação brasileira, notadamente, após as reformas realizadas nos anos 1970 que possibilitaram o surgimento de um número maior de programas e, conseqüentemente, de pesquisas. Nesse mesmo período, ocorreu uma grande diversificação das referências teóricas e metodológicas na historiografia brasileira e mais, de temas e objetos de pesquisa, sendo marcante, nesse momento, a chegada das referências historiográficas da Nova História, da Micro-história, da História Social inglesa, de Foucault, entre outras (BELIEIRO, 2021).

É nesse contexto, portanto, que o ensino de história se tornará objeto de pesquisa de educadores e historiadores, nas décadas de 1980 e 1990, com maior presença dos primeiros e, após essas décadas, dos segundos (COSTA, 2016; COELHO; BICHARA, 2019). É a partir desse período que um número crescente de dissertações e teses elege como objeto o ensino de história; que eventos passam a ser realizados tendo essa preocupação como objeto central:

o Encontro Perspectivas do Ensino de História e o Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História, o primeiro realizado a partir de 1988, e o segundo, a partir de 1993 (MONTEIRO; RALEJO, 2019; ZAMBONI, 2009). No mesmo contexto é que revistas acadêmicas passam a dedicar espaço às pesquisas do campo ou se direcionam exclusivamente a ele (GONÇALVES, 2019). O amadurecimento das pesquisas em torno do ensino de história fica evidente a partir de 2006, com a criação da Associação Brasileira de Ensino de História, o que, entre outros motivos, consolida a percepção do ensino de história como um campo de conhecimento (CAIMI; MISTURA, 2019, p. 195).

Desse modo, ao se apontar a consolidação e o amadurecimento desse campo de conhecimento, é imprescindível que este seja tratado como objeto de pesquisa da História da Historiografia e da Teoria da História. Inúmeros pesquisadores têm se dedicado a essa problemática, estudando a historicidade da área (COSTA; OLIVEIRA, 2007); investigando as vicissitudes dessa comunidade disciplinar (MIRANDA, 2019); seus periódicos (GONÇALVES, 2019; RAMOS, 2012); seus desafios contemporâneos (GABRIEL, 2019); seus problemas de fronteira (MONTEIRO; PENNA, 2011); estudando, ainda, a produção de dissertações e teses (COSTA, 2016); esmiuçando grupos de pesquisa, pesquisadores e periódicos (COELHO; BICHARA, 2019; MIRANDA, 2019); pensando a presença do pensamento marxista no campo (PAULO, 2015); de estudos do trabalho (COUTINHO; CAPUCHO; MARINHO, 2020); investigando os eventos do campo e suas temáticas (ZAMBONI, 2009).

Desse modo, a presente pesquisa procura dialogar com essa produção, inicialmente investigando um nicho ainda pouco explorado, que é justamente a circulação de artefatos teóricos no campo de pesquisa em ensino de história. Nesse sentido, Azevedo e Stamatto (2010) apontam tendências teóricas da educação e da historiografia que circulam no campo, onde se destacam, por exemplo, as contribuições da Pedagogia Libertadora e a crítica social dos conteúdos, que evidenciam a contribuição e a circulação do pensamento de Paulo Freire como “evidente” ao campo de conhecimento em ensino de história, notadamente, a busca pela “formação de um pensar crítico, priorizando a formação política e não o acúmulo de conhecimentos sistematizados no processo de ensino-aprendizagem, visando a [sic] formação cidadã” (AZEVEDO; STAMATTO, 2010, p. 708).

Apesar disso, os apontamentos nesse sentido são bastante incipientes e

não se originam de uma pesquisa mais sistemática acerca da presença do pensamento de Paulo Freire no campo de conhecimento em ensino de história. Por essas razões é que investigação em torno dessa temática pode contribuir para se perceber não só os usos de Paulo Freire na área, mas também para os estudos que elegem o campo como objeto de pesquisa da História da Historiografia.

Para se atingir os objetivos propostos, elege-se como objeto de investigação a revista *História & Ensino*, publicação acadêmica do Laboratório de Ensino de História (LABHIS), da Universidade Estadual de Londrina, criado em 1994 e que, a partir do ano seguinte, passa a editar a revista, que teve, entre seus editores, membros do LABIHS (RAMOS, 2012). A publicação foi a primeira no país a se propor a publicar artigos quase exclusivamente da área do ensino de história. Embora tenha um impacto maior no sudeste e no sul (RAMOS, 2012, p. 79), a análise dessa publicação é significativa para se visualizar a produção do campo.

Gonçalves (2019) elegeu os periódicos dedicados ao ensino de história como fonte de pesquisa para investigar o “estado da arte” da produção do campo, fazendo a justificativa dessa escolha, amparando-se teoricamente em Sirinelli, que indica como as revistas fornecem uma visão bastante fiel da produção de um campo de conhecimento, permitindo, aos pesquisadores, a percepção das questões sociológicas do campo, suas forças antagônicas e tensões, mas, principalmente, vendo as revistas como “um lugar precioso para a análise do movimento das ideias” (GONÇALVES, 2019, p. 114).

O trabalho citado de Nádia Gonçalves realiza abordagens quantitativas, mostrando os periódicos do campo, os temas publicados, as palavras-chave utilizadas nos artigos, entre outras questões gerais. O mesmo pode-se dizer do trabalho de Ramos (2012), que investiga o periódico H&E, mas dedica-se a análises quantitativas de origem dos autores, temáticas publicadas, investigando, ainda, nos artigos da revista, referências historiográficas e do campo da educação e do ensino de história, em um período que abarca a criação da revista, em 1995, até o ano de 2012.

Dentro desse escopo, elege-se o periódico como fonte de pesquisa pela importância que este apresenta para o campo de conhecimento em ensino de história, sendo uma das principais publicações da área; ao mesmo tempo, percebe-se que as pesquisas que vêm dedicando atenção ao periódico, citadas

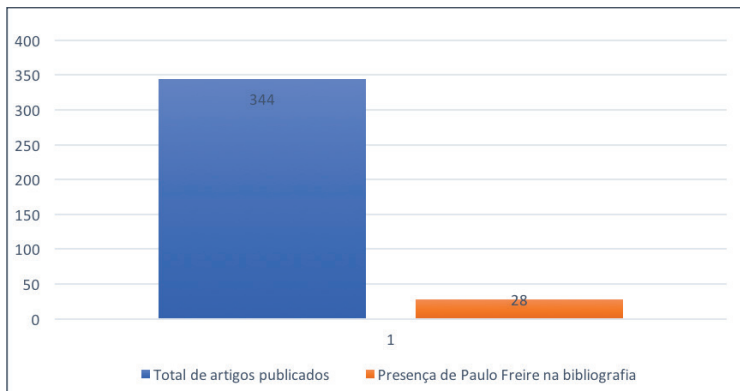
acima, não aprofundam discussões de natureza teórica, isto é, não estão preocupadas em perceber a circulação de artefatos teóricos na revista. Nesse sentido, a densidade dos artigos, desse ponto de vista, é reveladora das discussões de natureza teórica que tiveram lugar nas páginas da publicação da Universidade Estadual de Londrina.

II.

Para se responder aos questionamentos acerca da presença do pensamento de Paulo Freire nas publicações da H&E, realizou-se uma investigação inicial em todos os artigos publicados na revista, no período entre 1995 a 2020, analisando-se as referências bibliográficas para se identificar e quantificar as citações às obras de Paulo Freire. A seguir, os artigos que traziam essas referências, doravante classificados como artigos fonte, uma vez que se configuraram como fonte principal da pesquisa, foram analisados para se aferir de que maneira o pensamento desse autor circulou na revista e, conseqüentemente, no campo de conhecimento em ensino de história. Com essa análise, pode-se aferir qual é efetivamente o papel das ideias de Paulo Freire no ensino de história e como seu pensamento pôde embasar discussões teóricas dentro desse campo de conhecimento.

Para a análise quantitativa, consideram-se apenas os artigos publicados na H&E na seção artigos, excluindo-se textos publicados nas seções dossiê (já que dossiês temáticos direcionam as temáticas dos artigos) e também textos publicados em outras seções tais como História da Educação, do Laboratório de Ensino de História, ao qual a revista se vincula, e também artigos publicados em edição comemorativa, de 2002 (que repetiu a publicação de artigos anteriormente publicados) bem como da edição especial de 2012, que publicou textos de alunos do PIBID. Desse modo, como se observa no Gráfico 1, a revista publicou 344 artigos entre 1995 a 2020, com um total de 28 artigos que trazem as obras de Paulo Freire nas referências bibliográficas. Com isso, nota-se uma presença bastante tímida do pensamento de Paulo Freire nos artigos publicados nesse período, com um percentual de apenas 8% dos artigos, como se observa no Gráfico 2.

Gráfico 1 – Relação da quantidade de artigos publicados/ presença de Paulo Freire na bibliografia



Fonte: Elaborado pelo autor.

Gráfico 2 – Relação da quantidade de artigos publicados/ presença de Paulo Freire na bibliografia



Fonte: Elaborado pelo autor.

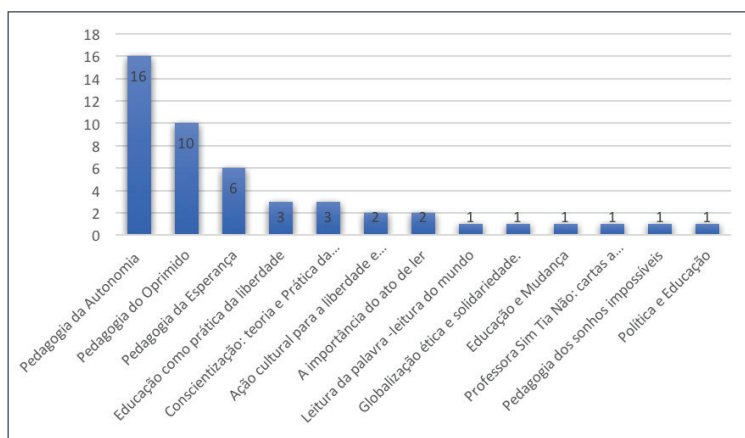
Até 2011, a revista publicou uma média de dez artigos por ano, com um a dois artigos, em média, com a presença de Paulo Freire na bibliografia. A partir desse ano, a H&E passou a publicar dois números por ano, quando publicou uma média de 15 artigos anuais, com exceção de 2019 e 2020, em que o periódico publicou 31 artigos por ano, números reveladores do crescimento da produção no campo. Em 2019 e 2020, Paulo Freire aparece na bibliografia em quatro e cinco artigos, respectivamente, o que pode revelar um crescimen-

to pelo interesse nas obras do autor, em um contexto de ataques sofridos pelo ensino de história pelo movimento Escola sem Partido, além dos sucessivos questionamentos acerca do papel de Paulo Freire como Patrono da Educação Brasileira.

Nesse escopo de 28 artigos fontes que trazem obras de Paulo Freire na bibliografia, observam-se 48 menções bibliográficas às obras do educador pernambucano. A maior parte dos artigos traz apenas uma obra do autor nas referências, alguns artigos trazem duas ou três obras desse autor, sendo que apenas dois artigos citam Paulo Freire quatro vezes, e outro, seis vezes, o primeiro artigo de 2015 (ALVES, 2015) e o segundo de 2016 (PEDRO, 2016).

No Gráfico 3, podem-se observar as obras mais referenciadas nos artigos fonte, no período compreendido entre 1996, ano da primeira menção bibliográfica a Paulo Freire, até o ano de 2020.

Gráfico 3 – Quantidade de citações às obras de Paulo Freire



Fonte: Elaborado pelo autor.

O livro *Pedagogia da Autonomia*, publicado em 1997, aparece como o livro mais citado do autor nos artigos fontes, com 16 referências. As menções começam a ocorrer na H&E a partir de 2006 (TIMBÓ, 2006), tornando-se referência bastante presente nos anos seguintes. Do total de 28 artigos fonte, nove deles têm apenas esse livro nas referências. Em segundo lugar em número de citações, está o livro *Pedagogia do Oprimido*, referenciado dez vezes.

Publicado em 1968, o livro aparece nos artigos fonte desde 2001 (PALHA, 2001), sendo, na maior parte das vezes, citado junto a outros textos do autor, notadamente em conjunto com a *Pedagogia da Autonomia*, aparecendo sozinho em apenas quatro artigos (PALHA, 2001), (SCHIMDT, GARCIA, 2008), (PRECIOSO, 2019), (ALMEIDA et al., 2020). Outro livro bastante presente é *Pedagogia da Esperança*, publicado em 1992 e que traz uma releitura da *Pedagogia do Oprimido*. Na H&E, esse livro aparece nos artigos fonte sempre junto de outros textos do autor. Importante se destacar que as demais obras de Paulo Freire aparecem com número menor de citações, entre três a duas, sendo que seis delas são mencionadas apenas uma vez, na maior parte das vezes em conjunto com outros textos. O primeiro livro de Paulo Freire citado na revista é *Leitura da palavra, leitura do mundo*, em artigo de 1996 (ALEGRO; FERNANDES, 1996).

III.

A diminuta presença quantitativa das obras de Paulo Freire na revista H&E não exclui o pensamento desse autor como um todo desse campo de conhecimento. Obviamente que a observação de um único periódico não pode se traduzir em conclusões definitivas acerca da presença das ideias de Freire no ensino de história, mesmo assim, tomar a observação desse periódico como um espelho do campo, a refletir, de certo modo, a produção deste dentro da sua historicidade própria, guardando relações conexas e desconexas com eventos, linhas de pesquisa em programas de pós-graduação, produção de dissertações e teses, publicações de livros e artigos em outros periódicos, relações essas impossíveis de serem reconstruídas no espaço deste texto, é algo bastante revelador dos caminhos do pensamento de Paulo Freire com o ensino de história.

Por esses motivos, reafirma-se o quanto essa observação pode ser substancial para uma análise crítica do campo de conhecimento em ensino de história, notadamente no que se refere ao estudo das ideias educacionais de Paulo Freire, alicerçadas em um compromisso ético de uma educação popular e libertadora. As perguntas que balizaram a pesquisa foram: Qual o lugar da educação libertadora no ensino de história? A essa questão, pode-se acrescentar: Qual é efetivamente o papel das ideias de Paulo Freire no ensino de histó-

ria? Como seu pensamento pôde embasar discussões teóricas dentro desse campo de conhecimento? Analisar os artigos fonte como objeto da História da Historiografia possibilita a reconstrução dos diálogos estabelecidos entre o campo e a obra de Paulo Freire e permite, ainda, que se visualizem seus usos, isto é, as formas com as quais seu pensamento é apropriado, assimilado e reconstruído nos debates específicos do ensino e da aprendizagem em história.

Os artigos foram fichados e classificados em três grupos, cada um deles especificando um tipo de relação dos textos com a obra de Paulo Freire. O primeiro grupo analisado é composto de artigos que se voltam a práxis, isto é, que discutem atividades práticas tais como projetos de ensino, estágio supervisionado e sugestões de metodologias de ensino. Um segundo grupo é formado por artigos de reflexão teórica, que procuram tecer considerações sobre o processo de ensino e aprendizagem e se servem largamente dos princípios educacionais de Freire. Um terceiro grupo de artigos é composto por textos em que Paulo Freire é citado, sobretudo na crítica à educação bancária, mas que efetivamente não aprofundam um diálogo com o autor. Nesse grupo, foram inclusos, ainda, artigos que apenas mencionam ou citam Paulo Freire mas em que o autor não ocupa posição de destaque na temática ou reflexão desenvolvida nos textos.

IV.

Ao se analisar o primeiro grupo, é possível se notar que o ensino de história, sobretudo no que diz respeito a reflexões sobre a práxis de uma educação popular e transformadora, teve em Paulo Freire um interlocutor fundamental. O primeiro artigo dessa seara, publicado em 1996, por pesquisadoras da UEL, intitulado “Alfabetizar/ensinar História no Peart”, apresenta um projeto de alfabetização de trabalhadores rurais, colocando o ensino de história como elemento do processo de ensino e aprendizagem para a educação popular, projeto gestado em contato direto com os movimentos sociais do período. O projeto, desenvolvido pelo Laboratório de Ensino de História da UEL, alicerça-se em Paulo Freire na proposição da leitura como “escrita da realidade”, baseando-se na obra *Leitura da palavra, leitura do mundo* (ALEGRO, FER-NANDES, 1996).

Apontando críticas ao saber bancário, de transmissão de conteúdos, as

autoras mostram como o ensino de história poderia adotar uma perspectiva voltada à elaboração do conhecimento, partindo de situações concretas de existência dos educandos, inserindo o ensino da disciplina como estratégia de alfabetização, mesclando conteúdos do saber histórico escolar com o processo de alfabetização. Ademais, o projeto adota postura claramente transformadora, pois pretende “atuar para provocar mudanças”, por meio do conhecimento científico e do tecnológico (ALEGRO; FERNANDES, 1996, p. 52).

Outro artigo que segue caminho semelhante foi publicado também em 1996, pela professora da UEM, Sandra de Cássia Pelegrini, sob o título “Teatro e Política: uma redescoberta do prazer da História”, e traz reflexões sobre o uso da arte dramática no ensino de história, com a preocupação de criar uma pedagogia como uma prática educacional de formação crítica. Para tanto, elege Paulo Freire como referência para se pensar uma educação libertadora, mas, segundo a autora, menos utópica do que a de Paulo Freire, porém fundamentando-se no autor, para que se possa entender o teatro como ação libertadora no ensino de história, para a formação crítica e cidadã. Para tanto, a autora entende que Paulo Freire pode contribuir para a compreensão do educando como parte de um processo de aprendizado recíproco, sendo esse teórico capaz de problematizar a história e o saber. Para isso, o teatro seria uma ferramenta de ensino e aprendizagem, trabalhando o teatro como “experimento educacional, capaz de propiciar a problematização do saber, dos conteúdos históricos e da realidade sócio cultural dos indivíduos”. As obras de Paulo Freire citadas pela autora são “Ação cultural para a liberdade e outros textos” e “Conscientização: teoria e prática da libertação” (PELEGRINI, 1996, p. 72).

Outros artigos classificados como pertencentes ao primeiro grupo voltam suas discussões para o estágio supervisionado na formação de professores de história, elegendo Paulo Freire como interlocutor teórico. O primeiro desses artigos, publicado em 2006, intitulado “Alternativa de intervenção social para o estágio supervisionado: minicursos em questão”, é assinado pela professora da UEC, Isaíde Bandeira Timbó, e propõe uma reflexão sobre o estágio supervisionado e o ensino de história, propondo o trabalho com minicursos como forma de intervenção sociopedagógica.

Trabalhando com referências como Michel de Certeau, Hernandez e Michel Apple, a autora, amparada em citação literal de Paulo Freire, retirada da *Pedagogia da Autonomia*, advoga a favor de que a educação é “uma forma de

intervenção no mundo”, cuja necessidade de despertar para uma educação crítica e reflexiva é fundamental, desde que não se prenda à transmissão bancária de conteúdos, mas que procure fomentar, na formação dos futuros professores, uma postura de produtividade que supere os currículos hegemônicos, incluindo currículos alternativos, que fomentem a crítica, o questionamento e a ação, contribuindo ainda para uma transformação da realidade por meio da consciência histórica e do ensino de história (TIMBÓ, 2006).

Nesse caso, essa ação se concretizará com os minicursos ofertados pelos estagiários nas escolas, que trabalharão na perspectiva da troca de experiências e construção de saberes, por meio de projetos de extensão. Finalizando o artigo, a autora faz uma citação literal da *Pedagogia da Esperança*, momento em que Paulo Freire indica: “Hoje a gente está começando a viver uma nova maneira de ser históricos” (TIMBÓ, 2006, p. 139), o que impele a se fazer um ensino de história diferente, em uma perspectiva de compreensão e transformação social.

Outro artigo que se dedica a relato de projeto educacional é intitulado “Aprendendo a ler, aprendendo a escrever História: o olhar das crianças na produção do conhecimento histórico”, projeto de extensão desenvolvido na UFPR, publicado em 2008, assinado pelas docentes da mesma universidade, Maria Auxiliadora Schimdt e Tânia Garcia Braga. Paulo Freire aparece nesse texto como primeira referência teórica na medida em que Freire, na *Pedagogia do Oprimido*, defende que os conteúdos dos processos pedagógicos devem partir da identificação dos contextos locais, das diversidades e desigualdades que fazem parte da realidade social.

Nesse sentido, a ideia do projeto assenta-se em se trabalhar conteúdos significativos aos estudantes, sendo Paulo Freire referência central. Interessante nesse texto é a inserção de Thompson como referência conjunta, partindo da concepção de que o ensino de história é encarado como um estudo da experiência humana no tempo, o que, segundo as autoras, implica em escolhas de conteúdo e temáticas que possibilitem a recuperação do sentido das experiências pessoais e coletivas, contribuindo com a formação de identidades e a construção do conhecimento histórico. Embora esse artigo trate de um projeto de ensino, realiza discussões teóricas sobre o processo de ensino e aprendizagem em história, tendo Paulo Freire como referência teórica, movimento que será repetido no grupo dos artigos teóricos (SCHMIDT; GARCIA, 2008).

Em 2013, outro artigo voltado à formação de professores e ao estágio supervisionado é publicado na H&E, com autoria conjunta de Aristeu Castilhos da Rocha e Maria Catharina Pozzebon, docentes da Universidade de Cruz Alta. Com o título “Reflexões sobre a práxis: as vivências no Estágio Supervisionado em História”, o artigo traz um relato de experiência e uma reflexão sobre o estágio, na ótica de professores orientadores de estágio. Realizando uma densa discussão teórica sobre a formação de professores na articulação entre ensino e pesquisa, os autores mobilizam Paulo Freire para a reflexão em torno de um professor pesquisador, citando a *Pedagogia da Autonomia* em duas longas citações diretas, para reforçarem a reflexão da necessidade de junção entre o ensino e a pesquisa, justamente para instigarem a pesquisa como parte integrante da formação docente e da prática deste. Nesse caso, professores devem se constituir em “sujeitos autônomos, livres emancipados” (ROCHA; POZZEBON, 2013, p. 74).

Continuando um diálogo com autores basilares do campo, como Circe Bittencourt, Flavia Caimi e Luis Fernando Cerri, mobilizando ainda documentos oficiais para o ensino de história, os autores tecem variadas reflexões sobre o estágio supervisionado em história, sempre colocando como perspectiva maior autonomia ao professor, autonomia essa conquistada e alicerçada na junção entre o ensino e a pesquisa. Com isso, embora Paulo Freire não seja novamente citado ao longo do texto, nota-se que sua contribuição teórica é base para o diálogo estabelecido com outros autores e, sobretudo, é base para a consecução da prática da estágio, no trabalho desenvolvido pelos autores como orientadores de estágio (ROCHA; POZZEBON, 2013).

Mais um texto desse grupo de reflexão sobre a práxis, intitulado “Entre textos e práticas: ensino de História, instituição escolar e formação docente”, publicado em 2015, é assinado pelo docente da UFMT, Renilson Rosa Ribeiro, que realiza uma longa discussão a respeito da formação docente, recuperando, para isso, uma vasta bibliografia do campo de conhecimento em ensino de história, refletindo sobre os aportes teóricos do campo, dos documentos oficiais e da representação de professores, para colocar o debate em torno do lugar e da relevância da sala de aula para a formação e a prática docente. Nesse caso específico, as obras *Pedagogia do Oprimido* e *Pedagogia da Autonomia* são referenciadas na bibliografia, contudo, apenas o segundo texto é citado de forma indireta, destacando como Paulo Freire apontou a “necessidade de ter

consciência da importância e dos significados que a sua atuação exerce nos alunos”, para então, a seguir, citá-lo diretamente, para reforçar o quanto o professor é responsável pela prática formadora (RIBEIRO, 2015). Nesse artigo, observa-se que Paulo Freire aparece de forma secundária, apenas para discutir um ponto específico, não sendo referência central das discussões do texto. Esse modelo se repetirá em outros textos analisados adiante.

Em 2018, mais um artigo relatando projetos de ensino é publicado pelos autores da UEC e da UFU, respectivamente, Isaíde Bandeirada Silva e Décio Gatti Jr, com o título “O projeto “Primeiro, aprender!” e a disciplina História no ensino médio no Ceará” (2008-2014), que faz apenas uma única menção a Paulo Freire juntamente a autores como E. P. Thompson, Roger Chartier e André Chervel. No caso, a menção a Paulo Freire é referente ao conceito de leitura. Não há, no artigo, uma discussão mais aprofundada que mobilize as ideias do autor, tendo, contudo, dois livros referenciados na bibliografia: *Pedagogia dos Sonhos Impossíveis* e *Pedagogia da Autonomia* (SILVA; GATTI JR, 2018).

No ano seguinte, outro artigo é publicado seguindo padrão semelhante. Trata-se de texto com o título “Um campo de possibilidades: práticas de ensino de história no cemitério São João Batista de Guarabira, PB”. Assinado por Paulo Hipólito, mestre em História pela UFPB, o artigo propõe atividades práticas de ensino de história utilizando o cemitério como instrumento educativo. Mais uma vez, apenas uma pequena menção é feita a Paulo Freire, propondo que os estudantes sejam “sujeitos históricos” ao realizarem pesquisas da história familiar no referido espaço. O único texto freiriano referenciado é *Pedagogia da Autonomia* (HIPÓLITO, 2019).

V.

O segundo grupo de artigos, de viés teórico e metodológico para o ensino de história, é o mais profícuo no diálogo estabelecido com as ideias educacionais de Paulo Freire. Essa vereda é aberta na revista H&E por artigo publicado em 2003, intitulado “O trabalho histórico em sala de aula”, assinado por Maria Auxiliadora Schmidt e Tânia Braga Garcia, pesquisadoras do ensino de história da UFPR. O artigo inicia a discussão em torno do significado da pesquisa na formação do professor, estabelecendo uma rica reflexão em torno da reconstrução do método de ensino de história, introduzindo a questão com os

pressupostos teóricos da Didática Geral e da Didática da História, mobilizando autores tais como Jörg Rüsen, Klaus Bergaman, Joaquin Prats e Henri Motot, referências centrais desta didática (SCHMIDT; GARCIA, 2003; CARDOSO, 2008).

Muito embora o artigo também apresente um projeto de ensino desenvolvido pela UFPR, o Recriando Histórias, sua inserção no grupo dos artigos teóricos se dá pela densa discussão realizada no texto, tendo Paulo Freire como uma referência teórica que será colocada em diálogo com os autores da Didática da História, movimento que se repetirá em outros textos publicados na H&E, notadamente aqueles assinados por Schmidt. O cerne da discussão empreendida no texto refere-se ao papel da pesquisa no ensino de história, uma vez que, nos modelos tradicionais de ensino, os pressupostos epistemológicos dos historiadores não entram nas práticas escolares, o que é justamente o que advoga a Didática da História de matriz alemã, isto é, que os métodos dos historiadores façam parte das atividades pedagógicas de ensino e aprendizagem. O artigo busca amparo teórico para discutir essa questão em Gonzalo Zaragoza, amplamente citado na primeira parte do texto para o tratamento dessas questões epistemológicas (SCHMIDT; GARCIA, 2003).

Adiante, as referências mobilizadas pelas autoras são Iglesias e Perez, que também incluem a metodologia de pesquisa como um guia orientador dos alunos, no processo de produção de conhecimento, justificando uma metodologia de ensino de história que se baseia na investigação histórica, ensinando os estudantes a lidarem diretamente com os métodos historiográficos, com embasamento também em Prats (SCHMIDT; GARCIA, 2003, p. 230). Paulo Freire é incluso nesse debate, com os textos “Educação como prática da liberdade”, *Pedagogia do Oprimido* e *Pedagogia da Esperança*, quando apresenta o projeto acima referido, mostrando a importância de que os conteúdos escolares tenham identificação com a realidade dos estudantes e que permitam se vislumbrar os contextos locais e as diversidades e desigualdades que compõem a realidade social.

Os mesmos argumentos serão repetidos em outro artigo da autora, analisado anteriormente neste texto, nos artigos agrupados em torno da reflexão sobre a práxis. Novamente, Thompson também é referência, para se pensar “o ensino de História como estudo da experiência humano no tempo” (SCHMIDT; GARCIA, 2003, p. 231). A seguir, as autoras ainda inserem o conceito de

consciência histórica, a partir de Rüsen, mostrando como a produção de conhecimento histórico como método de ensino favorece a formação dessa consciência.

Embora haja a repetição de argumentos teóricos nesses dois artigos da autora, a discussão mais aprofundada desse diálogo da Didática da História com Paulo Freire será novamente retomado na H&E, em outro artigo publicado por Maria Auxiliadora Schmidt. De antemão, pode-se afirmar que o diálogo mais denso e consistente realizado na revista com a obra de Paulo Freire são justamente aqueles assinados por Schmidt. Pesquisadora do ensino de história, da UFPR, a autora mostra-se como referência importante para a Didática da História na revista H&E. A densidade e a consistência de seus textos publicados na revista assentam-se na proposição realizada pela autora em torno da perspectiva de construção de conhecimento em sala de aula, estabelecendo o diálogo já apontado entre Paulo Freire e as questões da Teoria da História por meio do viés teórico da Didática da História.

Em 2005, a autora publica o artigo “Saber escolar e conhecimento histórico?” retomando a discussão realizada no artigo anterior, dessa vez partindo de questionamentos teóricos acerca da separação operada no ensino de história entre os saberes escolares e os saberes historiográficos. Para autora, é necessário se repensar essas relações entre o ensino de história e sua ciência de referência, a Historiografia, dentro de um contexto de crise do significado da escola e da educação em geral, desvelando-se os conceitos epistemológicos que afetam a teoria e a prática de ensino, principalmente tendo como referência o conhecimento histórico e o pedagógico, buscando-se, ainda, repensar culturas de resistência que tomam “a experiência social como ponto de partida para pensar a escola e o significado do conhecimento escolar em sua relação com a ciência de referência” (SCHMIDT, 2005, p. 40-41). Para tanto, as referências teóricas serão aquelas das obras de autores como “Paulo Freire, François Dubet, Bernard Charlot e Michael Apple”, que buscam uma educação dos sujeitos em direção da emancipação e da democracia radical, colocando o “desafio de buscar caminhos que conciliem a autonomia dos sujeitos com o caráter histórico e determinado da transformação social”. Os três livros de Paulo Freire citados no artigo anterior são novamente mobilizados (SCHMIDT, 2005, p. 40-41).

Nesse sentido, a educação e o ensino de história são vistos dentro de um projeto político comprometido com a educação do sujeito dentro do desen-

volvimento de uma cidadania transformadora. Para que isso se efetive, é necessária a construção de vínculos entre o conhecimento histórico escolar e a ciência de referência, dentro do viés teórico da Educação Histórica. Retomando mais uma vez a referência a Thompson, na sua consideração de ser a História o estudo da experiência humana no tempo, a autora mostra a necessidade de se selecionar conteúdos capazes de contribuir para a formação de uma consciência histórica crítica e transformadora, articulando, teoricamente, os conceitos e a tipologia da consciência histórica de Rüsen com Freire. Para a autora, a consciência crítica deve fazer com que os sujeitos se insiram no processo histórico, fazendo com que conheçam sua realidade para melhor a conhecer e transformar (SCHMIDT, 2005, p. 44).

Para atingir esses objetivos, Schmidt aponta a necessidade da seleção de conteúdos a partir da confluência entre o saber histórico escolar, a ciência de referência e as problematizações históricas e historiográficas de distintos sujeitos históricos, das histórias silenciadas, dos interesses dos educandos e da sua realidade histórica, permitindo, ao ensino de história, a construção em sala de aula de narrativas outras, críticas e reflexivas que permitam a construção de uma consciência histórica crítica e genética, afirmando que “A perspectiva crítica e genética se aproxima do que o educador Paulo Freire define como a passagem da consciência ingênua para a consciência crítica” (SCHMIDT, 2005, p. 46). Esse movimento, segundo a autora, permitirá que estudantes se apropriem da ciência de referência como uma ferramenta para problematizarem determinadas narrativas históricas, fazendo com que percam seu poder como única fonte de compreensão do presente e de orientação para o futuro.

Em 2011, a H&E publica artigo com o título “O ensino de História no Ensino Médio em escolas integrantes do programa Universidade-escola da Unochapecó”, assinado por autores da Unochapecó, que procura refletir sobre como estudantes se relacionam com a disciplina de história. No texto, Paulo Freire é utilizado, mais especificamente, a *Pedagogia da Autonomia*, para referendar a importância da relação entre ensino e pesquisa, com a disciplina de história buscando, nas práticas de pesquisa em sala de aula, um caminho mais interessante, sempre respeitando, para tanto, os interesses dos estudantes, isto é, a relação dessa disciplina com a vida, alicerçando a formação da cidadania, com integração à sua realidade, superando a educação bancária, de simples transmissão de saber (PAIM et al., 2011).

Essa discussão será retomada na H&E no ano de 2019, com o artigo “Construção do conhecimento histórico na escola”. O artigo, de autoria do Matheus Mendanha Cruz, da UEPG, também traz relato de projeto de pesquisa em sala de aula, mas, como tece considerações teóricas bastante próximas daquelas desenvolvidas por Maria Auxiliadora Schimdt, foi incluso nesse grupo de artigos teóricos. Segundo o autor, Paulo Freire é uma referência fundamental para que o estudante se veja como sujeito da sua própria história, indicando, ainda, que os educandos saibam interpretar as diferentes informações que chegam até eles. Com isso, ainda dialogando com Freire, o autor discorre sobre o processo do aprender como uma construção de conhecimentos, partindo do contexto dos alunos, para uma educação consciente e reflexiva por meio do ensino de história, uma vez que este permitirá a autonomia dos educandos na compreensão não só da história mas também da realidade que os cerca (CRUZ, 2019).

Articulando Rösen e o papel do ensino de história na formação da consciência histórica, Cruz retoma Paulo Freire, com *Pedagogia da Autonomia e A importância do ato de ler*, para mostrar o quanto esse projeto de pesquisa histórica em sala de aula pode estabelecer um saber ouvir por parte do professores, valorizando e transformando a prática destes a partir das práticas e das realidades dos sujeitos, uma vez que educar é ação de construção do saber e, no ensino de história, a pesquisa com fontes em sala de aula é o melhor caminho para isso, oferecendo ao educando a prática de leitura do mundo (CRUZ, 2019).

Em 2020, já diante da realidade da pandemia da Covid-19 e da implantação do denominado ensino híbrido na educação básica, a H&E publica artigo de Samanta Trivilin Comiotto, mestre pela UNISINO, intitulado “O ensino híbrido nas aulas de História nos anos finais do ensino fundamental: impactos e transformações no processo de aprendizagem”, e realiza considerações acerca de metodologias de ensino de história, tecendo críticas à educação bancária, colocando Freire, com *Pedagogia da Autonomia*, para se pensar a aula como um espaço de construção de saber, com metodologias ativas que estimulem o educando a ser protagonista, colocando em prática o conhecimento científico por meio de produção, projetos e experiências que proporcionem uma aprendizagem significativa, com “novas estratégias de protagonismo para o educando” (COMIOTTO, 2020, p. 249). Para tanto, com esse embasamento em Freire, a autora propõe o modelo de aula invertida como um caminho pedagógico

que proporcionará esse protagonismo nos estudantes, dando a eles a oportunidade de construção de saber que possibilite a descoberta de si mesmos e do mundo que os cerca.

VI.

O terceiro grupo de artigos publicados na revista H&E e que trazem Paulo Freire na bibliografia é composto por textos que o citam, às vezes diretamente, mas em que o autor e suas ideias não ocupam centralidade na argumentação desenvolvida. Nesse grupo, composto por 15 artigos, isto é, mais da metade dos artigos compilados no corpus analisado, existem textos cuja menção a Paulo Freire ocorre, principalmente, na crítica à concepção bancária de educação, assentada na transmissão de conteúdos, e em artigos que apenas mencionam ou citam o autor, mas não desenvolvem com este um diálogo mais aprofundado.

Com relação aos artigos que discutem a concepção bancária de educação, há um artigo sobre currículo e ensino de história, publicado em 2014 por Vasconcelos e Costa, pesquisadores da UFU (VASCONCELOS, COSTA, 2014). Outra publicação, dessa vez de 2019, mobiliza a crítica à educação bancária para a reflexão em torno do uso de documentos em sala de aula, em artigo assinado por Precioso, da UEG (PRECIOSO, 2019). A mesma discussão reaparece em artigo de 2020, nesse caso, tendo como pano de fundo a discussão sobre a História Regional e o uso de Tecnologias da Informação e da Comunicação na sala de aula. O texto é assinado por Almeida e Feitosa, pesquisadores vinculados à Unesp e à Unicamp.

Já nos artigos que trazem menção a obras de Paulo Freire, sem nenhum aprofundamento das ideias deste, há um quadro mais amplo e diversificado de textos. Artigo de 2001, assinado pela mestre em Educação pela UFF, Cássia Rita Louro Palha, trata sobre a hegemonia televisiva no ensino de história, citando literalmente Paulo Freire, ao lado de Gramsci (PALHA, 2001). Outro texto do mesmo ano, dessa vez de autoria de Jorge Antonio de Queiroz e Silva, especialista em Educação pelo IBPEX de Curitiba, trabalha com a globalização, citando texto de Paulo Freire sobre o tema, porém o artigo não trata do ensino de história (SILVA, 2001). Em 2007, outro artigo de Ana Lúcia da Cos-

ta Silveira, da UFRRJ, cita Paulo Freire para discutir a representação do professor na literatura (SILVEIRA, 2007).

Em 2009, novamente existe menção a Paulo Freire no final de um artigo sobre o ensino de história regional, de autoria de Elison Antonio Paim e Jussara Odete Corrêa, vinculados à UNOCHAPECÓ (PAIM; CORREIA, 2009). Mais tarde, em 2015, Paulo Freire é citado em um texto sobre a formação de professores de história, por autores vinculados à UEFS e à UFRJ (FERREIRA; COSTA, 2015). Ainda em 2015, Freire é referência em um artigo sobre a gênese do Laboratório de Ensino de História e Didática da História, da Unesp de Assis, assinado por um docente da UNESP, Ronaldo Cardoso Alves (ALVES, 2015).

Em 2016, Paulo Freire é mencionado em um artigo sobre envelhecimento como instrumento de educação em saúde, no ensino de história, com autoria de Luciane Pedro, mestre pela USP (PEDRO, 2016). Ainda no mesmo ano, o autor é referenciado em um artigo sobre ensino de história e meio ambiente, por autores ligados à UFMG (CARVALHO; COSTA, 2016). Em 2019, mais uma vez, observa-se menção a Paulo Freire, dessa vez em texto sobre religiosidades em livros didáticos, por autores vinculados à UFSC (PAIM; VIEIRA, 2019).

Em 2020, o autor aparece em menções em um artigo sobre a consciência histórica como potencial para a leitura do mundo, em discussão já realizada em artigos de anos anteriores, contudo, nesse caso, Paulo Freire é apenas mencionado, com seu conceito de leitura do mundo, por docente ligada à UNIJUÍ (TRENNEPOHL, 2020). Por fim, Paulo Freire é citado em um artigo que discute o uso do RPG no ensino de história, assinado pelo mestre em História pela UFPE, Brunno Pessoa (PESSÔA, 2020), e em outro artigo sobre a percepção de estudantes de cursos técnicos sobre a disciplina história, com assinatura de pesquisadores ligados ao IFSC (SILVA, REGIS, 2020).

Observa-se, nesse compilado, que, muitas vezes, o autor é citado como referência para se pensar uma questão específica, a educação bancária ou a necessidade de articulação entre conteúdos e interesses dos estudantes ou mesmo algum conceito do autor é mobilizado para a discussão de um elemento teórico ou prático. Contudo, a inserção desses textos nesse grupo, numericamente superior aos demais, ocorre uma vez que esses artigos carecem de um aprofundamento maior com relação às ideias do autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O campo de conhecimento em ensino de história, área de pesquisas voltada à reflexão sobre a História e seu ensino, é teoricamente bastante complexo, uma vez que estabelece diálogos aprofundados com a Educação, a Sociologia da Educação, a Filosofia da Educação e, claro, a Teoria da História e a Historiografia. A presente pesquisa, inserida na área de Teoria da História e História da Historiografia, elege a produção de conhecimento em ensino de história como objeto de pesquisa.

Especificamente voltada à investigação da circulação de artefatos teóricos publicados no periódico, nesse período de 25 anos, objetiva-se, neste momento, a análise da circulação e dos usos teóricos da obra de Paulo Freire, consciente de que esse recorte, bastante rico, exclui, por ora e neste texto, outras referências e questões teóricas pertinentes ao ensino de história.

Apesar de esse recorte e de esse nicho de análise serem bastante específicos, foi possível se observar que, apesar de quantitativamente ser tímida a presença de Paulo Freire na H&E, as ideias desse teórico fomentaram discussões teóricas relevantes para o ensino de história. Explicar essa ausência, impossível de ser realizada no espaço deste texto, implica em se analisar quais conjuntos teóricos foram e são privilegiados no ensino de história, ao mesmo tempo que demanda se refletir sobre os posicionamentos teóricos e políticos da área. Como hipótese geral, acredita-se que, assim como a historiografia brasileira como um todo afastou-se do pensamento marxista, nas décadas de 1980 e 1990, com o forte crescimento da Nova História e da História Cultural (BELIEIRO; CARDOSO, 2018; COSTA, 2014), o ensino de história pode também ter se afastado do pensamento de Paulo Freire, seguindo esse movimento maior de afastamento do pensamento marxista na historiografia brasileira. Hipótese em aberto e a ser verificada em estudos posteriores.

As obras *Pedagogia da Autonomia* e *Pedagogia do Oprimido*, de longe as mais citadas no corpus, comprometidas com um viés claramente libertador e crítico, foram referência bastante presente nos artigos analisados, o que revela que o campo, ainda que timidamente, não desconsiderou por completo a dimensão política de se ensinar história, principalmente calcada em princípios libertadores e da transformação da realidade social por meio do ensino e da aprendizagem da história. Observa-se isso na seção de artigos que tratam das

práticas pedagógicas libertadoras e transformadoras, seja em projetos de ensino, seja em reflexões sobre o estágio supervisionado.

As reflexões de caráter teórico e metodológico, apresentadas na seção V, se mostraram as mais relevantes para o ensino de história por meio da interlocução com Paulo Freire. Nesses artigos, notou-se que a necessidade de produção de conhecimento em sala de aula, com uso de fontes e metodologias de ensino que aproximem o ensino de história da Teoria da História e da Didática da História de matriz alemã, ocupando espaço central nas discussões. Com articulações teóricas entre Paulo Freire, Thompson e Rüsen, para se ficar nas mais recorrentes, percebeu-se como a autonomia dos estudantes no seu processo de aprendizagem e formação coaduna-se com os pressupostos teóricos que advogam a favor da pesquisa e da produção de conhecimento em sala de aula, discussão recorrente no campo de conhecimento em ensino de história.

Finaliza-se com a missiva de que a revelação desse campo de experiências do diálogo do ensino de história com Paulo Freire abra um novo horizonte de expectativas, tanto para o campo de conhecimento nesse ensino como objeto de pesquisa, quanto para um ensino de história comprometido com a liberdade, a autonomia, a formação crítica e reflexiva calcada na essência freireana do “pensar certo”.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Crislaine Barbosa. STAMATTO, Maria Inês Sucupira. Teoria historiográfica e prática pedagógica: as correntes de pensamento que influenciaram o ensino de história no Brasil. *Antíteses*, Londrina, vol. 3, n. 6, jul.-dez. de 2010, p. 703-728.
- ARAÚJO, Valdeí Lopes de. História da historiografia como analítica da historicidade. *História da historiografia*. Ouro Preto, n. 12, ago. 2013, p. 33-44.
- ALVES, Ronaldo Cardoso. Entre expectativas e experiências: a gênese do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Didática da História (LEPEDIH) da Unesp/Assis. *História & Ensino*. Londrina, v. 21, n. 2, jul./dez. 2015, p. 235-264.
- ALMEIDA, Taís Temporin, FEITOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde, PALLOTA, Fábio Paride, REDONDO, Laís Prestes, ISBAES, Gabriela, MORAIS JR, Marco Antonio de. A História Regional e o uso de tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC'S) em sala de aula. *História & Ensino*. Londrina, v. 26, n. 1, jan./jun. 2020, p. 160-180.

- ALEGRO, Regina Célia, FERNANDES, Maria das Graças. Alfabetizar/Ensinar História no PEART. *História & Ensino*. Londrina, v. 2, 1996, p. 43-53.
- BLANKE, Horst Walter. Para uma nova história da historiografia. In: MALERBA, Jurandir. *A História Escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo: Contexto, 2006.
- BELIEIRO, Thiago Granja. *A presença dos Annales no programa de pós-graduação em História da Universidade de São Paulo (1985-1994)*. Curitiba: Casa Publicadora, 2021.
- BELIEIRO, Thiago Granja, CARDOSO JR, Hélio Rebelo. Diálogo assimétrico na historiografia brasileira: A Nova História entre os anos 1985 e 1994. *Revista Locus*, Juiz de Fora, Vol 24, nº 01, Fev/Jul 2018.
- CAIMI, Flávia Eloisa. MISTURA, Letícia. Investigar em Ensino de História: entre fronteiras e limites epistemológicos. MONTEIRO, Ana Maria. RALEJO, Adriana (orgs.) *Cartografias da pesquisa em ensino de História*. Rio de Janeiro, Mauad Editora, 2019.
- COELHO, Mauro Cezar. BICHARA, Taissa. Ensino de História: uma incursão pelo campo. MONTEIRO, Ana Maria. RALEJO, Adriana (orgs.) *Cartografias da pesquisa em ensino de História*. Rio de Janeiro, Mauad Editora, 2019.
- COSTA, Rafaela Paiva. A história do ensino de História no Brasil da última década. *História & Ensino*. Londrina, v. 22, n. 1, jan/jun. 2016, p. 91-107.
- COSTA, Aryana Lima. OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. O ensino de História como objeto de pesquisa no Brasil: no aniversário de 50 anos de uma área de pesquisa, notícias do que virá. *Saeculum*. João Pessoa. v. 16, jan./jun. 2007, p. 147-160.
- COSTA, Emília Viotti. A Dialética Invertida: 1960-1990. In: COSTA, Emília Viotti. *A Dialética Invertida e Outros Ensaios*. São Paulo, Edunesp, 2014.
- COUTINHO, Luciana Cristina Salvatti, CAPUCHO, Vera Alves Crispim, MARINHO, Genilson Cordeiro. Sentidos do trabalho no ensino de História: revisão da produção científica produzida no período de 1996 a 2018. *História & Ensino*, Londrina, v. 26, n. 2, jul./dez. 2020, p. 183-208.
- CARDOSO, Odilmar. Para uma definição de Didática da História. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 28, n. 55, 2008, p. 153-170.
- CRUZ, Matheus Mendanha. Construção do conhecimento histórico na escola. *História & Ensino*. Londrina, v. 25, n. 2, jun./dez. 2019, p. 429-448.
- COMIOTTO, Samanta Trivilin. O ensino de híbrido nas aulas de História nos finais do Ensino Fundamental: impactos e transformações no processo e aprendizagem. *História & Ensino*. Londrina, v. 17, n. 1, jan./jun. 2020, p. 244-260.
- CARVALHO, Ely Bergo de. COSTA, Jamerson de Sousa. Ensino de História e meio

- ambiente: uma difícil aproximação. *História & Ensino*. Londrina, v. 22, n. 2, jun./dez. 2016, p. 49-73.
- FERREIRA, Carlos Augusto Lima, COSTA, Marcella Albaine Farias da. Ensino, História e educação com/sem convergências. *História & Ensino*. Londrina, v. 21, n. 2, jun./dez. 2015, p. 13-30.
- GABRIEL, Carmen Teresa. Pesquisa em Ensino de História: desafios contemporâneos de um campo de investigação. In: MONTEIRO, Ana Maria. RALEJO, Adriana (orgs.) *Cartografias da pesquisa em ensino de História*. Rio de Janeiro, Mauad Editora, 2019.
- GONÇALVES, Nádia G. Produção sobre Ensino de História em periódicos acadêmicos brasileiros (1970-2016). MONTEIRO, Ana Maria. RALEJO, Adriana (orgs.) *Cartografias da pesquisa em ensino de História*. Rio de Janeiro, Mauad Editora, 2019.
- HIPÓLITO, Paulo. Um campo de possibilidades: práticas de ensino de História no cemitério São João Batista de Guarabira-PB (2015). *História & Ensino*. Londrina, v. 25, n. 2, jul./dez. 2019, p. 373-400.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro, Contraponto, 2011.
- MONTEIRO, Ana Maria. RALEJO, Adriana. Apresentação – Cartografias da pesquisa em Ensino de História. In: MONTEIRO, Ana Maria. RALEJO, Adriana (orgs.) *Cartografias da pesquisa em ensino de História*. Rio de Janeiro, Mauad Editora, 2019.
- MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. PENNA, Fernando de Araujo. Ensino de História: saberes em lugar de fronteira. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 36, n. 1, jan/abr., 2011, p. 191-211.
- MIRANDA, Sonia Regina. A pesquisa em Ensino de História no Brasil: potência e vicissitudes de uma comunidade disciplinar. In: MONTEIRO, Ana Maria. RALEJO, Adriana (orgs.) *Cartografias da pesquisa em ensino de História*. Rio de Janeiro, Mauad Editora, 2019.
- MORENO, Jean Carlos. Ensino de História: antigos e novos desafios. *Diálogos*. Maringá, v. 22, n. 3, 2018, p. 55-60.
- PAIM, Elison Antonio, MATTOS, Alan Kaufmann de. POLI, Anderson, SILVA, Anderson, LUBENOW, Aline Maisa, PRIOR, Alisson Domingos, DETONI, André, ZEN, Daniel Dalla, PEREIRA, Eny D. REIS, Raquel, CHIESA, Regina Daiana, BRIVIO, Rodrigo. O ensino de História no Ensino Médio em escolas integrantes do Programa Universidade-escola da Unochapecó. *História & Ensino*. Londrina, v. 17, n. 1, jan./jun. 2011, p. 55-76.

- PAIM, Elison Antonio, CORREA, Jussara Odete. O Ensino de História Regional nos Anos Iniciais da Educação Básica. *História & Ensino*. Londrina, v. 15, ago. 2009, p. 23-38.
- PAIM, Elison Antonio. VIEIRA, Guilherme Braunsperger de Lima. Religiosidades: Uma análise de duas coleções de livros didáticos do ensino público brasileiro. *História & Ensino*. Londrina, v. 25, n. 1, jan./jun. 2019, p. 41-69.
- PAULO, Diego Martins Dória. O refluxo de uma tradição: o marxismo, o ensino de História e a ditadura empresarial-militar (1964-1975). *Revista Mosaico*. Vassouras, v. 6, n. 2, jul./dez., 2015, p. 11-17.
- PALHA, Cássia Rita Louro. A hegemonia da mídia televisiva e o ensino de História. *História & Ensino*. Londrina, v. 7, out. 2001, p. 9-22.
- PEDRO, Luciane. Discussão sobre o envelhecimento como instrumento para educação em saúde no ensino de História. *História & Ensino*. Londrina, v. 22, n. 2, jul./dez. 2016, p. 95-109.
- PELEGRINI, Sandra de Cássia A. Teatro e Política: uma redescoberta do prazer da História. *História & Ensino*. Londrina, v. 2, 1996, p. 69-79.
- PESSÔA, Brunno Manoel Azevedo. Entre professores e mestres: O RPG e as experiências docentes no ensino de História. *História & Ensino*. Londrina, v. 26, n. 2, jan./jun. 2020, p. 337-356.
- PRECIOSO, Daniel. O uso de documentos históricos em sala de aula: impactos sociais da crise de 1929 pelas lentes do fotojornalismo. *História & Ensino*. Londrina, v. 25, n. 1, jan./jun. 2019, p. 333-351.
- RAMOS, Márcia Elisa Teté. A constituição do campo de pesquisa em ensino/aprendizagem histórica pela revista História & Ensino. *História & Ensino*. Londrina, v. 18, n. 2, jul./dez. 2012, p. 77-102.
- ROCHA, Aristeu Castilhos da. POZZEBON, Maria Catharina Lima. Reflexões sobre a práxis: as vivências no Estágio Supervisionado em História. *História & Ensino*. Londrina, v. 26, n. 1, jan./jun. 2020, p. 160-180.
- RIBEIRO, Renilson Rosa. Entre textos e práticas: ensino de História, instituição escolar e formação docente. *História & Ensino*. Londrina, v. 21, n. 2, jul./dez. 2015, p. 151-179.
- SILVA, Isaíde Bandeira da. GATTI JÚNIOR, Décio. O projeto “Primeiro, aprender!” e a disciplina História no Ensino Médio no Ceará (2008-2014). *História & Ensino*. Londrina, v. 24, n. 1, jan./jun. 2018, p. 35-62.
- SILVA, Jorge Antonio de Queiroz e. Globalização e História Local. *História & Ensino*. Londrina, v. 7, out. 2001, p. 83-102.
- SILVEIRA, Ana Lúcia da Costa. Abordagens sócio-históricas da formação dos profis-

- sionais da educação: um percurso pela literatura brasileira. *História & Ensino*. Londrina, v. 13, set. 2007, p. 45-62.
- SILVA, Adriano Larentes da. REGIS, Leandro. O ensino de História no Ensino Médio Integrado: reflexões a partir das narrativas de estudantes de dois cursos técnicos. *História & Ensino*. Londrina, v. 26, n. 12, jul./dez. 2020, p. 112-134.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. História do Ensino de História no Brasil: uma proposta de periodização. *Revista História da Educação*. Porto Alegre, v. 16, n. 37, mai/ago. 2012. p. 73-91.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. GARCIA, Tânia Maria Figueiredo Braga. Aprendendo a ler, aprendendo a escrever história: O olhar das crianças na produção do conhecimento histórico. *História & Ensino*. Londrina, v. 14, ago. 2008, p. 71-84.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora, GARCIA, Tânia Maria. O trabalho histórico na sala de aula. *História & Ensino*. Londrina, v. 9, 2003, p. 219-238.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Saber escolar e conhecimento histórico? *História & Ensino*. Londrina, v. 9, jul. 2005, p. 35-49.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora. O historiador e a pesquisa em educação histórica. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 35, n. 74, mar./abr. 2019, p. 35-53.
- TIMBÓ, Isaíde Bandeira. Alternativa de intervenção social para o estágio supervisionado: Minicursos em questão. *História & Ensino*. Londrina, v. 12, ago. 2006, p. 123-140.
- TRENNEPOHL, Vera Lucia. A consciência histórica como potencial para leitura do mundo. *História & Ensino*. Londrina, v. 26, n. 1, jan./jun. 2020, p. 37-55.
- VASCONCELOS, Regina Ilka Vieira, COSTA, Artur Nogueira Santos e. Notas sobre ensino de História e Currículo: reflexões sobre o conhecimento histórico no Ensino Fundamental. Uberlândia, MG (2000-2010). *História & Ensino*. Londrina, v. 20, n. 1, jan./jun. 2014, p. 197-221.
- ZAMBONI, Ernesta. Caminhos percorridos e outros... A descobrir e percorrer. *História e Ensino*. Londrina, v. 15, ago. 2009, p. 39-50.

